

# TANTO NO VATICANO, COMO EM ROMA, E ATÉ OS CONFINES DO BRASIL: A CONSTRUÇÃO DA REFORMA CATÓLICA BRASILEIRA SOB A PERSPECTIVA DOS PERIÓDICOS NO SÉCULO XIX



*Evily Lima Menezes<sup>1</sup>*

## Resumo

O século XIX foi marcado por inúmeras transformações na política global. Além das revoltas e guerras, as correntes ideológicas proliferavam e se disseminavam pelo mundo. A consolidada religião católica, indubitavelmente, viu-se diante de novos desafios. O papado optou por reunir o clero no Concílio, posteriormente denominado Vaticano I (1869-70). Sua proposta era criar e reafirmar posturas diante desse novo cenário, assim como resgatar as discussões travadas no período de crise religiosa do século XVI, no Concílio de Trento (1545-63). O clero brasileiro enfrentava a recente independência e a expansão do protestantismo, do legalismo, do secularismo e de outras ideologias sob a égide do Padroado. O concílio se tornou um centro de esperança e marcou o início das tentativas de promover a reforma católica no país. Vamos analisar a preparação para este evento por meio de periódicos da época, com base na obra do sociólogo Pierre Bourdieu, que oferece uma perspectiva de campo na manutenção desse processo.

**Palavras-chave:** Ações católicas. Vaticano I. Campo religioso.

## INTRODUÇÃO

O Século XIX bombardeou a história com aceleradas mudanças, fomentadas por ideologias que visavam, mesmo que teoricamente, uma liberdade do ser. João Silveira (2022) dissertando à Peter Berger explica que “Um mundo humanamente construído sempre estar suscetível a deixar de existir e a ser substituído por outros mundos humanamente construídos” (p. 68). O “mundo” do Brasil estava mudando, se reconfigurando, e em uma realidade em que a modernidade se tornava uma necessidade para sobreviver politicamente e economicamente parecia que a religião ocupava um sub local, saindo da posição de líder para serviçal da sociedade. A Santa Igreja Católica se vê em uma urgente necessidade de reconfigurar, fazer uma manutenção de sua forma de se posicionar e agir, mas mantendo suas bases da tradição e dos dogmas.

Entre dezembro de 1869 e dezembro do ano seguinte foi convocado pelo Pio IX (1792-1878), depois de um “vácuo” de três séculos, um concílio com todo o bispado, por isso chamado de ecumênico, no transepto norte da Basílica de São Pedro<sup>2</sup>, em Roma na região conhecida

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências da Religião (2022.1) pela Universidade Católica de Pernambuco. Bolsista PROSUC/Capes. Email: evilylimamenezes@gmail.com

<sup>2</sup> O'MALLEY, John William. Os 150 anos da abertura do Concílio Vaticano I (1869-2019). Tradução: Moisés

como Vaticano<sup>3</sup>. De acordo Ney de Souza o Concílio Vaticano I<sup>4</sup>: “propunha-se, além da condenação dos erros modernos, a definição da doutrina católica sobre a Igreja.” (1998, p. 31). Sem dúvida, a publicação do anexo *Syllabus* (1864) á encíclica *Quanta Cura* (1864) pelo Papa que condenava certos pensamentos e afirmações do século XIX, impulsionou a formação do Concílio. Esta encíclica foi dividida em dez sessões, questionando verdades dos movimentos do racionalismo, socialismo, secularismo, laicidade, casamento civil e liberalismo político. Entre os 80 erros apontados destacasse:

44. A autoridade civil pode interferir em questões relativas à religião, à moral e ao governo espiritual: portanto, pode julgar as instruções emitidas para a orientação das consciências, em conformidade com a sua missão, pelos pastores da Igreja. Além disso, tem o direito de fazer decretos relativos à administração dos sacramentos divinos e às disposições necessárias para recebê-los. — Alocuções “In consistoriali”, 1º de novembro de 1850, e “Maxima quidem”, 9 de junho de 1862.

55. A Igreja deve ser separada do Estado, e o Estado da Igreja. — Alocução “Acerbissimum”, 27 de setembro de 1852.

77. Nos dias de hoje já não é conveniente que a religião católica seja considerada a única religião do Estado, com exclusão de todas as outras formas de culto. — Alocução “Nemo vestrum”, 26 de julho de 1855.

80. O Romano Pontífice pode e deve reconciliar-se e chegar a um acordo com o progresso, o liberalismo e a civilização moderna. - - Alocução “Jamdudum cernimus”, 18 de março de 1861.<sup>5</sup>

O clero brasileiro então toma posição sobre o futuro da igreja. José Pereira de Sousa Júnior (2015) explica: “sem dúvida, o final do século XIX se esboça para o episcopado como período de um despertar cristão a fim de defender, restaurar e fazer reflorescer a religião para que a pátria brasileira seja salva” (2015, p. 83). O condutor, o bispo primaz do Brasil, Dom Antônio Macedo Costa, focava em fortalecer a igreja em um país laico. Para isso ele formou o clero, elaborou cartas pastorais e incentivou a criação de uma Imprensa católica. Para o arcebispo, eram de extrema importância as visitas pastorais, o relacionamento mais próximo entre os clérigos e o povo, e para isso era “necessário ultrapassar os limites geográficos que separavam as dioceses das cidades e do povo” (2015, p. 82).

---

Sbardelotto. *Instituto Humanitas Unissinos*, 13 de dezembro de 2019. Disponível em: <[<sup>3</sup> O estado Vaticano como estabelecido nos dias atuais surge após o Tratado de Latrão, em 1929. Antes a Santa Sé se localizava nos Estados Papais, onde pontos centrais, como a Basílica de São Pedro, ficavam em uma região conhecida como Vaticano. Por isso o Concílio ganha o nome de Vaticano, mesmo ainda não sendo um Estado.](https://www.ihu.unissinos.br/categorias/595039-os-150-anos-da-abertura-do-concilio-vaticano-i-1869-2019#:~:text=O%20Conc%C3%ADlio%20Vaticano%20I%2C%20convocado,espor%C3%A1dicas%20em%20agosto%2Dsetembro).>. Acesso em: 16, out. 2023.</p></div><div data-bbox=)

<sup>4</sup> É válido ressaltar que no momento em que o concílio ocorre ele era apenas chamado de Vaticano. O título de I se deu após outra reunião na região do vaticano na década de 1960, nomeada de “Vaticano II”.

<sup>5</sup> PAPA PIO IX. *Syllabus*. 1864. Disponível em: < <https://www.papalencyclicals.net/pius09/p9syll.htm> >. Acesso em: 03 de out. 2023 (Versão traduzida para o português).

## A MANUNTENÇÃO

A igreja brasileira organizou projetos para “a manutenção da tradição e das suas doutrinas, com atividades contra os ‘perigos’ do processo de secularização do Estado e ‘dos valores sociais’, como o nascimento, a educação, o casamento e a morte” (Moura, 2015, p. 46). É marcado um congresso a nível nacional em Salvador – BA, e em 1900 ocorre o primeiro Congresso Católico Brasileiro. De acordo com Pierre Collier, leigo católico e influente empresário de Pernambuco entre final de 1800 e início de 1900, “os Congressos são o grande meio de levantamento da idéa christã na actualidade, como taes preconizados e abençoados pelos soberanos pontífices Pio IX e Leão XIII e praticados no mundo catholico com o maior exito”<sup>6</sup>. O Congresso Brasileiro tinha por intuito estabelecer elaborações de Cartas Pastorais, fortalecer os valores morais, religiosos e familiares, criar uma imprensa católica, incentivar as visitas pastorais (afim de ter contato com os fiéis dos sertões, área onde os protestantes focavam para evangelização) e receber congregações religiosas

É neste cenário que a Igreja Brasileira estabelece *Ações* em diversas áreas a fim de “re-alicerçar” suas bases em um tempo tão suscetível às heresias. Diversas Congregações religiosas chegam ao Brasil, visando criar uma base teológica e moral na nova geração. Há também preocupações com óbolo diocesano, questões operárias, trabalho social e o combate ao protestantismo. Mas com a Igreja alcançaria o grande público, aquele que não ia às missas frequentemente, e que apesar de se enxergarem católicos não seguiam o padrão de catolicismo romano, mas sim um abasileirado? Algo próximo aos fiéis, que lhes causavam interesse, que lhes fortalecessem das aguçadas heresias protestantes: Os jornais, a grande mídia do período. É o Papa Leão XIII (1878-1903) um dos precursores da utilização da imprensa para a divulgação dos “valores morais da verdadeira religião”. Por muito tempo o papado não via com bons olhos a liberdade impressa, e este fato não mudara, contudo, novas perspectivas foram implantadas. A imprensa é dividida em boa, aquela que fosse usada aos moldes e querer da igreja, e a má. A má consistia nas publicações “corruptora dos valores mais essenciais da vida social e também das verdades naturais [...] ações dessa forma de imprensa serão danosas à família e à escola” (Klauck, 2011, p. 143), esse tipo de publicação deveria ser combatido. Afinal, ao passo dos processos de laicidade os clérigos não teriam mais o apoio do Estado no controle das publicações. Cabia e a liderança episcopal, como um todo e em cada região onde houvesse representação da Santa Sé, orientar os fiéis dos perigos da má imprensa que era “contra Deus, contra a Revelação, contra a verdade, contra a Igreja” (p. 144), e incentiva-los a compra e a leitura da boa imprensa, pois “letras precisam ser combatidas pelas letras” (p. 145).

<sup>6</sup> COLLIER. Congresso Cathólico. Diário de Pernambuco. Recife, n.108, 15/05/1902, ano LXXVIII , p.2. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_08/3485](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_08/3485)

Era papel da igreja publicar coisas que levariam ao seu leitor a um conteúdo guiado pela verdade de Deus, uma *boa imprensa*. Jérri Marin (2018), utilizando das pesquisas de Oscar Lustosa (1983) narra as duras condições em que surge a imprensa católica no Brasil. A sua primeira fase (1830-60), ainda no período do padroado, limitava não só sua qualidade material, mas o seu conteúdo: “Cada jornal, pequeno e limitado, quinzenário ou semanário, como eram as gazetas desse período, não somente tinham um raio de ação muito reduzido, como ainda durava pouco. Eram ‘folhas sazonais’, como afirmava um articulista da época” (Marin, p. 200, APUD, Lustosa, 1983, p. 13<sup>7</sup>). Seu conteúdo tratava apenas de “questões do culto, da piedade, da doutrina, nada mais pretendiam do que estender aos fiéis os ensinamentos eclesiásticos do púlpito” (Marin, p. 200, APUD, Lustosa, 1983, p. 14). Entre 1870-1900 Lustosa (1983) classifica como fase de consolidação, pois vários periódicos confessionais surgem e sua periodização e os assuntos se ampliam.

Os periódicos confessionais se tornam também porta-vozes de desabafos e manifestações sobre a situação dos clérigos e organizações religiosas que ainda na época do II Reinado, diante da reestruturação do Concílio Vaticano I, e a busca de uma romanização do catolicismo brasileiro, se via em um estado de precariedade. O Brasil possuía poucas circunscrições eclesiásticas<sup>8</sup>, problema herdado desde o período colonial. Os periódicos religiosos locais, como o *Apóstolo: Periodico religioso, moral e doutrinario, consagrado aos interesses da religião e da sociedade* (RJ), narravam com esperança e expectativa as novas rédeas lançadas por Roma: “A igreja Brasileira espera renascer depois do Concilio do Vaticano: a vida, que tem vivido, tem-lhe sido prejudicial, e causa única do desprezo que lhe voltam todos”<sup>9</sup>. Ele prossegue:

Voltemos agora os olhos para as necessidades, que com resignação sofre o Clero, em sua maioria pobre sem outros recursos quase, senão os que tiram do exercicio de suas ordens [...] E terá razão para censura o Clero, lançar sobre elle acusações muitas vezes exageradas, o governo que lhe nega os recursos ainda os mais essenciaes à vida, e que parece disposto a mata-lo á migoa? Não por certo. Mas nós esperamos que nossas palavras sejam ouvidas, e a classe clerical, que tantos serviços presta ao Estado, obtenha recursos, e seja equiparada com justiça às outras classes da sociedade. Nem outra cousa exigimos<sup>10</sup>

<sup>7</sup> LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. Os bispos do Brasil e a imprensa. São Paulo: Edições Loyola/ CEPEHIB, 1983.

<sup>8</sup> “Circunscrições eclesiásticas são divisões territoriais e administrativas da Igreja Católica cujo objetivo é organizar e tornar mais eficaz a gestão e o controle das populações e do território. Seus modelos paradigmáticos são as paróquias, missões, prefeituras apostólicas, prelazias, dioceses e arquidioceses”. Disponível em: <https://editora.ufms.br/produto/circunscricoes-ecclesiasticas-catolicas-no-brasil-articulacoes-entre-igreja-estado-e-sociedade/#:~:text=Circunscric%C3%A7%C3%B5es%20eclesi%C3%A1sticas%20s%C3%A3o%20divis%C3%B5es%20territoriais,%20prelacias%20dioceses%20e%20arquidioceses.>

<sup>9</sup> O APOSTOLO, *O Apóstolo*, p. 2, 16/05/1869, edição 20 do ano IV. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/343951/1238>. Acesso em: 10/10/2023

<sup>10</sup> O APOSTOLO, *O Apóstolo*, p. 1-2, 23/05/1869, edição 21 do ano IV. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/343951/1245>. Acesso em: 10/10/2023

Por isso o concílio é recebido com euforia, visando uma reforma católica, ou recatolização, no país, buscando não somente implantar os novos elementos, mas lançar base de ideais tridentinos: “Com total apoio da Santa Sé o episcopado brasileiro decide implantar no Brasil a concepção tridentina da Igreja” (De Souza, 2014, p. 138).

Esses bispos enfrentaram grandes dificuldades em difundir tal reforma pois era uma luta contra esse emaranhamento histórico, mas principalmente por bater de frente com o poder imperial. Neste recorte temporal o Brasil estava sendo comandado por D. Pedro II, desde a saída de seu pai à Portugal em 1831. Imperador diferente, mas a mesma a constituição de 1824. Logo o país permanecia oficialmente católico e ainda ligado ao Padroado. Todavia, o que parecia uma exclusividade católica era muitas vezes um limitador da atuação da Igreja. Um grande exemplo foi a negação de D. Pedro II a ordem do papado sobre excomungar todo fiel católico envolvido em Maçonaria. Tal atitude culminou em uma revolta comandada pelos bispos de Belém, Dom Macedo, e Olinda-Recife, Dom Vital de Maria, contra o Imperador, na década de 1870. Os bispos acataram a ordem do Papa e excomungaram os fiéis envolvidos na maçonaria. D. Vital buscou proibir o seu clero de celebrar missas em capelas que abrigassem maçons, como bem comenta João Ramos André:

Não atendido em sua ordem, D. Vital interditou as capelas das irmandades rebeldes. Estas, inconformadas com a interdição, recorreram ao Imperador Pedro II, detentor do placet em matéria religiosa que, por força do poder que lhe conferia o instituto do Padroado, mandou reabrir as irmandades, ordem que D. Vital não acatou. (Ramos André, 2020, p. 25-26)

Esse “movimento” foi nomeado de *Questão Religiosa*. Alexandre Costa (2017) cita João Fagundes Hauck (2008): “a Questão religiosa foi em primeiro lugar uma transplantação para o Brasil da controvérsia liberal e ultramontana, que agitava os países católicos na Europa. O que sucedia principalmente na França e Itália, se projetava como reflexo no Brasil imperial” (2008, p. 188). Ambos os bispos foram presos pela coroa. Apesar da repercussão, não possuiu muitos adeptos, pois, como já citado, havia muitos clérigos e nobres maçons. Então, estar do lado dos bispos era ficar contra o próprio Império.

## CONCLUSÃO

O protestantismo crescia paralelamente a todos esses acontecimentos no Brasil, e investiam em seus próprios periódicos. Para os protestantes a questão da leitura era uma característica importante para os seus fiéis graças ao *Sola Scriptura*, sendo necessário que cada cristão tivesse livre acesso e compreensão das escrituras sagradas. Por isso além de investirem na venda e distribuição de bíblias, também investiam em periódicos. Entretanto, ao contrário do catolicismo que focou inicialmente seus jornais para elite, investindo em papéis de melhor qualidade, logo mais caros, a imprensa protestante utilizava papel de uma qualidade mais baixa com o propósito de alcançar mais leitores, principalmente de classes sociais baixas.

Contudo é válido ressaltar que a grande maioria da população era analfabeta. Mas graças ao *bum* jornalístico os periódicos eram mais atrativos ao público não leitor. A Historiadora Tânia Regina de Luca (2005) afirma que os periódicos ganham uma nova visibilidade e roupagem em meados do século XIX<sup>11</sup>. Possuíam colunas variadas sobre moda, saúde, emprego, comédia e temas que atraíam a população. Bastava ter um leitor entre o grupo e as informações do periódico chegavam a um bom número de pessoas. Aos poucos a Igreja Católica vai se adaptando a uma mídia mais atrativa, e em 1904 é fundando o Centro de propaganda católica, uma espécie de editora-livraria, focando em publicações de polemistas, como Antônio Campos, ex-pastor batista, e Frei Celestino, líder da Liga Contra o Protestantismo em Pernambuco.

Contudo, a Igreja se utilizava do amplo espaço que ela tinha para publicar em periódicos seculares. Lá eram divulgados eventos da igreja, obras, artigos, brigas com os protestantes e festividades. Assim, mesmo sem o leitor perceber ele era embebido dos dogmas e bases da fé católica.

## REFERÊNCIAS

- DE SOUZA, Ney. Catolicismo, sociedade e teologia no Brasil Império. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v. 46, p. 127-144, jan./abr. 2014.
- DE SOUZA, Ney. O Concílio Vaticano I (1869-1870): uma fisionomia da assembléia. **Revista de Cultura Teológica**, n. 25, p. 31-40, 1998.
- KLAUCK, Samuel. A imprensa como instrumento de defesa da Igreja Católica e de reordenamento dos católicos no século. *XIX. MNEME – Revista de Humanidades*, 11(29), 2011 – jan / julho, p. 132-148
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanesi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- MARIN, Jérri Roberto (org.). **Circunscrições eclesiais católicas no Brasil: articulações entre igreja, estado e sociedade**. 1. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2021, p. 71-110.
- MOURA, Carlos André Silva de. **História cruzadas: debates intelectuais no Brasil e em Portugal durante o movimento de Restauração Católica (1910-1942)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas: 2015.
- RAMOS ANDRÉ, J. V. **Inserção e desenvolvimento do protestantismo no Brasil**. 1. ed. Recife: FASA, 2020.
- SOUZA, José Pereira. O processo de restauração católica no Brasil na Primeira República. **Fato e Versões Revista de História**. Uberlândia: v. 7, n. 14, p. 81- 102, 2015.
- SILVEIRA, J. P. de P. Revisitando o dossel sagrado: considerações sobre a “imaginação sociológica da religião” de Peter Berger. **Revista Caminhos** - Revista de Ciências da Religião,

---

<sup>11</sup> LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanesi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

Goiânia, Brasil, v. 20, n. 1, p. 66-75, 2022. DOI: 10.18224/cam.v20i1.12298. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/12298>.